

**CONSTITUINDO-SE GRUPO DE EXTENSÃO: EXPERIÊNCIA DE  
ESTUDANTES DE PSICOLOGIA COM CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES EM UMA INSTITUIÇÃO JUVENIL**

**CONSTITUTING THE EXTENSION GROUP: EXPERIENCE OF  
PSYCHOLOGY STUDENTS WITH CHILDREN AND ADOLESCENTS  
IN A YOUTH INSTITUTION**

Lisa Naira Rodrigues de Sousa<sup>1</sup>

Antônia Aline Rodrigues Pontes Lima<sup>2</sup>

Leandro do Nascimento Gomes<sup>3</sup>

Maria Cecília Batista da Silva<sup>4</sup>

**Resumo**

Esta pesquisa é um estudo proveniente de um grupo de estudos, pesquisas e extensão em adolescência (GEPA), que foi formado por duas docentes de uma instituição privada de Fortaleza e por estudantes de psicologia. Os encontros teóricos e supervisões aconteciam na faculdade e a extensão acadêmica ocorria em uma instituição filantrópica de Fortaleza que acolhe crianças e adolescentes em condição de vulnerabilidade social. O grupo de estudos explicita e fundamenta a importância das práticas lúdicas para atuação de extensionistas com crianças e adolescentes. A pesquisa é pautada na legalidade acadêmica e segue as normas do código de ética profissional do psicólogo e as orientações do Estatuto da criança e do adolescente (ECA).

**Palavras-chave:** Adolescentes. Criança. Lúdico. Vulnerabilidade social.

**Abstract**

This research is a study from a group of studies, research and extension in adolescence (GEPA), which was formed by two professors from a private institution in Fortaleza and by psychology students. Theoretical meetings and supervisions took place at the college and the academic extension took place at a philanthropic institution in Fortaleza that welcomes

---

<sup>1</sup>Mestra em Psicologia na Universidade de Fortaleza-UNIFOR, graduada em Psicologia na Faculdade Integral Diferencial-FACID (Piauí), especialista em Saúde Mental.

<sup>2</sup>Graduanda em psicologia pela Universidade Maurício de Nassau.

<sup>3</sup>Graduando em psicologia pela Universidade Maurício de Nassau.

<sup>4</sup>Graduanda em psicologia pela Universidade Maurício de Nassau.

children and adolescents in conditions of social vulnerability. The study group explains and justifies the importance of playful praxis for extension workers with children and adolescents. The research is based on academic legality and follows the norms of the professional psychologist's code of ethics and the guidelines of the Statute of the child and adolescent (ECA).

**Keywords:** Adolescents. Kid. Ludic. Social vulnerability.

## Introdução

As concepções de infância e adolescência têm sido reinventadas desde suas primeiras elaborações no século XVIII (ARIÈS, Philippe, 1978). Atravessamos as ideias iniciais de uma infância associada à pureza e à alienação e de uma adolescência como tempo de transformação do corpo da criança em corpo de adulto. Na atualidade, somos invadidos por ideias diversas sobre estes sujeitos, fundamentadas em ideologias que visam garantir uma proteção integral ou parcial ou ainda uma não proteção dessas pessoas. Em uma época em que se defendem os direitos humanos ampliados a todos, ainda há o questionamento se as crianças e adolescentes são sujeitos de direitos ou pessoas que não podem expressar seus desejos por alguns indivíduos da sociedade.

No contexto em que a violência é perpetrada contra crianças e adolescentes por familiares, pessoas da comunidade, da escola e representantes do Estado; ao mesmo tempo em que pode ser praticada pelo adolescente contra si e contra outros indivíduos. Nas situações em que pobreza, violência, ausência do Estado e dos direitos sociais, esgarçamento de vínculos socioafetivos se misturam em um caldeirão de elementos que temperam o desenvolvimento da criança e do adolescente, há aí um modo de inclusão na história da família e na sociedade desses sujeitos. Deste modo, percebe-se o acirramento da polarização entre ideias sobre a infância e a adolescência e um conflito ético-político entre um grupo que defende a criança e o adolescente como sujeito que podem e devem se apropriar e exercer seus direitos ao se relacionarem com outros cidadãos na contramão de outro grupo que, a partir do lugar social ocupado pelo indivíduo, aponta uma distinção entre como “menores infratores”, “mirins” ou “futuros adultos problemáticos, abusadores e traumatizados”, para citar algumas falas sobre esse público, e outro grupo que separa as crianças e adolescentes em vítimas e vilões, não sendo valorizada a participação deles na política e nem respeitada à autonomia para pensarem e auxiliarem na criação de estratégias para a superação de adversidades e vulnerabilidades. “Nesse sentido, os programas governamentais avaliados se complementam e convergem para um objetivo comum: garantir os direitos das crianças e adolescentes instituídos no ECA(FONSECA et al, 2013, p. 263) Apontamos aqui essa dualidade, pois esta questão social, política e ideológica perpassa a formação em Psicologia, uma vez que um dos públicos-alvo das políticas públicas em que a psicóloga atua são crianças e adolescentes em situações de

vulnerabilidade, risco e violência, podendo ser tomado por esses lugares de vítima ou de alguém em conflito com a lei.

Propomos desde o início do trabalho com crianças e adolescentes do Centro Juvenil Dom Bosco, na cidade de Fortaleza, questionar esses papéis pré-determinados e tomados como um destino para alguns desses sujeitos e por aqueles que os cercam. Esta instituição religiosa desenvolve atividades para o enfrentamento de situações de risco com crianças e adolescentes, procurando executar projetos/programas em regime de apoio socioeducativo, promover mudanças efetivas e contribuir para o fortalecimento dos vínculos familiares e sociais por meio de atividades educativas, recreativas, culturais, esportivas e de preparação para o trabalho, além de formação humana, social e religiosa. Desejávamos criar estratégias junto e para as crianças e adolescentes da instituição respeitando a autonomia e as possibilidades de formulações críticas a partir de cada encontro, sem tornar a condição de vulnerabilidade, risco e violência como temas pré-definidos de nossas intervenções. Algumas atividades extrapolaram as expectativas dos extensionistas, as intervenções que utilizavam os poucos recursos materiais proporcionaram uma reflexão que repercutiu em vários encontros ao longo de todo período da extensão, a exemplo da confecção de um corpo humano que foi uma atividade lúdica que ampliou os olhares dos extensionistas as diversas demandas dos adolescentes que foram externalizadas. “Por acreditar que o brincar contribui para que o sujeito signifique suas experiências, bem como fale de seu sintoma e de seus impasses no desenvolvimento, ao mesmo tempo em que também se responsabiliza pelos seus atos...” (MARANHÃO, J. H.; VIEIRA, C. A. L. p. 32). Vale salienta que pretendemos com esse trabalho relatar nossa experiência para falar dos encontros (in) esperados com as crianças e adolescentes, relatando nossa trajetória enquanto grupo de extensão e as vivências durante dois anos. Dessa forma, a proposta não é estabelecer um modelo de um fazer, mas sim compartilhar uma experiência encorpada, uma prática representativa de uma realidade situada.

### **Constituindo-se GEPA**

No ano de 2018, um grupo de estudantes universitários, entre o quarto e sexto semestre de Psicologia de uma instituição de ensino privado do estado do Ceará, buscou o auxílio de duas professoras psicólogas para pensarem sobre a criação de uma extensão universitária com crianças e adolescentes. Os estudantes motivados pelas disciplinas de Psicologia do desenvolvimento da criança e do adolescente e Estágio básico desejavam exceder os limites da faculdade e caminhar ao encontro de experiências e vivências que ampliassem seus conhecimentos sobre a atuação extensiva conjuntamente as crianças e aos adolescentes. A referida instituição não possuía extensões universitárias no curso de Psicologia, sendo uma formação profissional muito teórica e pouco vivencial, limitando a prática as disciplinas de estágio básico em que o aluno observa à práxis dos profissionais de psicologia e de estágio curricular na ênfase clínica. O Grupo de Estudo e Pesquisa em Adolescência - GEPA nasceu da autonomia e reflexão crítica e política desses estudantes, que não se conformaram apenas em vê e ouvir sobre as experiências dos professores e psicólogas que tiveram contato, mas de conhecer a realidade social e do trabalho com crianças e

adolescentes. A instituição escolhida foi o Centro Juvenil Dom Bosco, que é uma instituição religiosa que acolhe crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Segundo o Portal Salesianas o centro trabalha de forma integrada e colaborativa com a rede socioassistencial nas regiões em que atuam.

O GEPA realizou atividades com crianças de idade entre 6 a 11 anos e com adolescentes de 12 a 17 anos que frequentavam o centro juvenil durante os anos de 2018 a 2019. O desejo dos estudantes do grupo de estudos era em atuar com os adolescentes, a partir do ingresso na instituição e no diálogo com os gestores, logo percebeu-se que esta não era a demanda daqueles que lá estavam. Os adolescentes já participavam de atividades de esporte, informática, religião e reforço escolar em apenas um turno do dia e em alguns dias da semana. A instituição era frequentada por várias crianças que tinham menos atividades disponíveis e, portanto, mais ociosas durante o período em que estavam no local, ocasionando conflitos verbais e físicos entre elas, pois de acordo com a gestão local, a violência era comum nas relações entre estes indivíduos. De acordo com (MARANHÃO, et al, 2014):

A violência integra os espaços de socialização de adolescentes e jovens, apresentando-se como fator de risco, em um determinado momento da vida, expondo-os a situações de vulnerabilidade. Essas vivências podem trazer consequências tanto físicas quanto psicológicas, acarretando prejuízos ao seu desenvolvimento e à percepção positiva de si (MARANHÃO, et al 2014, p. 430-431).

É perceptível que a subjetividade de jovens que estão em fase de desenvolvimento social e emocional e que vivem em situações vulneráveis é afetada pelos riscos e que as várias formas de violências são praticadas. “Compreendemos que o que faz com que a violência se configure como um fator de risco não é apenas o fenômeno em si, mas a forma como ela é experimentada e, conseqüentemente, significada pelo indivíduo que a sofre” (MARANHÃO, et al, 2014, p. 430, 431):

Ressaltamos que não houve a pretensão de uma intervenção de dimensão preventivista em relação à vulnerabilidade, risco e violência ou de cunho normatizante a fim de criar corpos não violentos. Nosso intuito era em acolher estes sujeitos sem um viés institucionalizador ou caritativo, apesar da vontade do grupo em intervir em um contexto de risco, vulnerabilidade e violência à intenção era de oferecer um espaço de cuidado e de promoção da saúde mental fundamentado nas ciências psicológica e pautado no Código de ética profissional do psicólogo. O código supramencionado explica no “Art. 17 – Caberá aos psicólogos docentes ou supervisores esclarecer, informar, orientar e exigir dos estudantes a observância dos princípios e normas contidas neste Código” (Código de ética profissional do psicólogo, 2005).

### **Criando e experienciando um modo de fazer extensão**

O GEPA iniciou suas primeiras atividades voltando-se para a formação dos estudantes nos campos da infância, juventudes e violência. A decisão foi tomada em consenso

de que as disciplinas traziam as temáticas de vulnerabilidade social e de risco de modo pontual em debates em sala de aula, mas era necessário um aprofundamento em tais assuntos. Ainda, por se tratar de crianças e adolescentes, os estudantes sentiam a necessidade de uma formação em ludoterapia e psicoeducação a fim de conduzir as atividades. O desenvolvimento das atividades proporcionou o engajamento dos integrantes do grupo participando de forma protagonista, proativa e autônoma no levantamento de temáticas as quais tinham curiosidade e/ou dúvida em relação à infância e juventude e a situações de vulnerabilidade e risco social. Deste modo, no início de cada semestre letivo os alunos elencavam os temas a serem estudados em articulação com as demandas do campo de realização da extensão, e as professoras escolhiam os textos científicos coerentes com a formação ética e política do grupo.

Os temas discutidos versaram sobre desenvolvimento biopsicossocial das crianças e adolescentes, violência e sua tipologia, fatores de proteção e de risco, sexualidade, uso de substâncias psicoativas, mídia e acesso à informação contribuindo para a capacitação dos estudantes de psicologia. Ainda, as formações e elaboração de ações interventivas consideraram também os documentos que versam sobre a Proteção à Infância e Adolescência, a saber: Constituição Federal de 1988 e Lei Federal 8.069 de 1990 (ECA). No início da extensão, o GEPA era composto por oito extensionistas que se dividiam em trios que frequentavam a cada quinze dias a instituição para encontrar as crianças com idade entre 7 a 11 anos, ou seja, as intervenções eram contínuas, porém os estudantes compareciam ao campo somente duas vezes do mês. Essa organização aconteceu por serem poucas crianças que frequentavam a instituição no turno da tarde e para que não ocorresse uma prevalência da presença de adultos em relação às crianças. Após as formações teóricas, houve a territorialização do centro juvenil com intenção em conhecer as pessoas, seus desejos, demandas e expectativas frente ao projeto. Em discussão grupal, pactuou-se que as intervenções utilizariam o lúdico para acessar as crianças. As ações em um mesmo encontro se dividiam na apresentação de uma atividade lúdica com uma temática de fundo e a execução da atividade é que determinava se o tema continuava a ser trabalhado e o modo como ele ia ser discutido entre as crianças, deste modo, por mais que os extensionistas tivessem uma programação prévia, havia a necessidade do senso crítico e da flexibilidade para manejar os sentimentos, comportamentos e desejos que surgiam no momento da intervenção com a criança, correndo o risco de não acontecer à aceitação da dinâmica ou um processo linear de funcionamento da mesma. Ressaltamos que era uma preocupação contínua no GEPA a distinção entre os objetivos das atividades lúdicas e rodas de conversas realizadas com as crianças e os adolescentes das demais atividades realizadas pela instituição, mesmo que estas também usassem o lúdico e o diálogo como meios para acessá-los. Nosso intuito com a extensão era assegurar um espaço de interação entre as crianças e entre os estudantes que pudesse promover o acolhimento em saúde mental destes. Foi nesse contexto que surgiram alguns relatos de violência física e sexual perpetradas contra as crianças que frequentavam o grupo e de seus colegas de escola e bairro, além de inúmeras demandas relativas à vulnerabilidade socioeconômica e a violência urbana. “A concepção de vulnerabilidade

denota a multideterminação de sua gênese não estritamente condicionada à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas atrelada também às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos”. (CARMO e GUIZARDI, 2018, p. 02).

No primeiro semestre de 2019, após o planejamento do GEPA foi pautado o desejo de ampliar as atividades para os adolescentes, para tanto criou-se um novo grupo somente para esse público, em horário concomitante ao grupo das crianças, os estudantes de psicologia se reorganizaram em duplas, visto que se percebiam mais seguros para intervir de forma ética e acolhedora. A realização de uma seleção para novos extensionistas foi necessária e um marco importante para a história do GEPA, visto que o grupo de estudantes já possuía uma ampla fundamentação teórica e uma experiência que orientava para a tomada de novos rumos no projeto e para que os extensionistas também se responsabilizassem pela formação dos novos colegas. É importante apontar que as professoras acompanhavam ao campo de extensão com certa frequência, mas não adentravam nas atividades, precisamente para valorizar a autonomia, engajamento e responsabilidade dos estudantes em relação à extensão. Na reunião de supervisão semanal, os estudantes traziam considerações de suas vivências nos quais as crianças e os adolescentes compartilhavam sentimentos e dúvidas na semana anterior. “Os estágios passaram a ter uma organização que privilegia o vínculo do professor supervisor com a temática e com o campo” (CARDOSO, Terezinha Maria, 2007, p. 307). A aproximação com as crianças e adolescentes por meio das atividades permitiu acesso à história de vida e ao sofrimento decorrente do atravessamento das questões sociais e conflitos familiares no processo de subjetivação daqueles. Os extensionistas por vezes trouxeram suas percepções em relação à escuta daqueles sujeitos, compartilhando seus sentimentos: dor, alegria, tristeza, amor, raiva, angústia e medo. Algumas atividades marcaram os integrantes do GEPA pelo efeito produzido no momento da ação com as crianças e adolescentes. As intervenções abriram caminho para questões muito específicas da vida de cada criança e que ao serem compartilhadas reverberou em outras atividades que implicavam a história de todos que frequentavam o grupo. A seguir, relatamos algumas delas com a finalidade de apresentar como o grupo conseguiu manejar as falas e demandas das crianças e suas próprias dúvidas diante da práxis da psicologia nesse contexto.

### **Experimentos e experiências com crianças e adolescentes**

O GEPA tem como marca predominante refletir as atividades que serão desenvolvidas no campo da extensão de modo crítico e tentando acessar a realidade das crianças e adolescentes. Em uma das atividades levou-se papel madeira e canetas e lápis de cor para que as crianças desenhassem um corpo em tamanho real de modo a abordar o cuidado de si e a sexualidade. As crianças entraram em consenso que o corpo desenhado seria do único menino integrante do grupo, após a conclusão do desenho foi proposto que fossem especificados em cada parte do corpo como poderia ser utilizada de forma positiva ou negativa e assim a atividade foi acontecendo livremente, trazendo questões relacionadas sexualidade, abuso sexual infantil, violência, uso de drogas e conflitos familiares, nessa atividade ocorreram

intervenções múltiplas, observamos mudanças significativas e comportamentais das crianças, é válido ressaltar que esta atividade do corpo humano abriu um leque de demandas daqueles sujeitos os quais foram trabalhadas em um semestre inteiro. “... Ressaltamos que o lúdico desabrocha pelas experiências vívidas pelos sujeitos no contexto em que está inserido”. (Mendes, M. I. B. de S., & Melo, J. P. de. 2009 p. 09).

Elaboramos outra atividade lúdica com os adolescentes em que seria uma espécie de quis, os adolescentes tiveram dificuldade em aderir à proposta, contudo readaptamos rapidamente as perguntas e fizemos uma roda de conversa com a expectativa que respondessem as perguntas de forma circular, as interrogações abordavam temáticas relativas a relações e conflitos familiares. Alguns adolescentes apresentaram dificuldade em adentrar o tema inicialmente, mas, foi eliciado em todos à pretensão em participar, tornou-se perceptível o quanto estes sentem carência de diálogo, compreensão e sofrem por não ter uma escuta familiar atenta, o casal de irmãos participantes do grupo se emocionaram ao se pronunciar o termo afeto, logo instituíram a discutir sobre suas convivências que aparentemente não incluíam diálogo e nem afetos, já que brigavam constantemente e proferiam palavras ríspidas um ao outro, no decorrer da discussão entre os irmãos eles começaram a chorar e respostas mais sensatas ambos conseguiram conversar e nos encontros posteriores falavam abertamente o que aprenderam quando conseguiram entender e perceber a importância do diálogo e do respeito, que é algo que reflete beneficemente na família. “A atitude dialógica é, antes de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e de refazer, de criar e de recriar” (NERLING e NERLIN, 2018, p.5).

Pensando em realizar uma atividade lúdica voltada para o brincar de situação, que segundo Oaklander, 1978, brincando de situação as crianças repetem suas vivências cotidianas. Sugerimos as crianças à proposta de utilizar a massinha de modelar para que aproveitassem de forma livre e modelassem qualquer acontecimento ou objeto que representasse suas próprias vidas, em seus cotidianos. Logo de início a proposta foi aceita por uma parte das crianças que espontaneamente começaram a imaginar o que poderiam modelar outra parte do grupo demonstrou nenhum interesse em realizar a atividade afirmando que massinha era coisa para crianças menores. No decorrer da ação proposta foi surgindo vários questionamentos em relação a assuntos que já havíamos trabalhado, como: família, escola, perspectivas de futuro dentre outras, cada membro da equipe ficou acompanhando individualmente cada uma das crianças enquanto realizavam suas modelagens. Como esperado uma parte dos participantes começaram a se dispersar no decorrer da atividade, alguns começaram a influenciar na arte dos outros participantes, fazendo com o que algumas das modelagens já realizadas fossem destruídas e causando conflitos entre os participantes. A atividade foi concluída, tornando possível mais uma vez trabalhar com essas crianças, questões sociais e individuais mesmo diante das adversidades que surgiram, as dificuldades apresentadas demonstrou favorável à possibilidade de trabalharmos algumas questões já observadas em relação ao grupo como comportamento agressivo.

### **Considerações finais**

Concluimos que a extensão universitária do GEPA permitiu que os estudantes extensionistas ampliassem suas potencialidades de criatividade, reflexão, organização, logo foram protagonistas na escolha das temáticas a serem estudadas por eles nas supervisões do grupo, nas reuniões burocráticas do GEPA e na intervenção no campo com as crianças e adolescentes do Centro Juvenil. O grupo tem artigos publicados e se encaminham para a escrita de artigos científicos e participou como convidado em um evento científico de outra instituição universitária, desfrutando de grande aceitação e elogios pelos presentes. Percebe-se o crescimento ético e profissional dos estudantes e o engajamento com a produção de conhecimentos científicos e da técnica de atuação da psicologia, portanto é importante salientar a necessidade de grupos acadêmicos de extensão que se inserem em meio às comunidades e instituições filantrópicas procurando promover formas a saúde mental de seus assistidos.

As práticas propostas eram desenvolvidas de acordo com as limitações existentes, havia resistência por parte de algumas crianças para participar, e perante essas adversidades surgiam possibilidades de adaptação e novas formas de nos reinventar e a partir disso surgiam outras demandas não almejadas pelo grupo, foi de grande estima para o estudo, compreender que a realidade dessas crianças e adolescentes é divergente das experiências vivenciadas, e tornou-se necessário por muitas vezes nos reinventar. É de grande valia todo o aprendizado adquirido dando ênfase a caminharmos rumo à alteridade.

#### Referências:

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ABRAMOVAY, M; CASTRO, G. M.; PINHEIRO, L. C.; LIMA, F. S.; MARTINELLI, C.C. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO/ BID, 2002.

CARDOSO, Terezinha Maria. **Experiências de ensino, pesquisa e extensão no setor de pedagogia do HIJG**. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 27, n. 73, p. 305-318, Dec. 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622007000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300004&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 Oct. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622007000300004>.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00101417, 2018. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2018000303001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000303001&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 Oct. 2020. Epub Mar 26, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00101417>.

CALEJON, Laura Marisa Carnielo e Beatón, GUILERMO ARIAS. **Avaliação Psicológica: os testes e o Diagnóstico explicativo**. São Paulo, 2002.



Código de ética profissional do psicólogo, agosto, 2005, Brasília, 21 de julho de 2005.  
Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf> Acesso: 28 de dezembro de 2019.

Constituição Federal de 1988, Art. 227, 1988. Acesso em: 22 de setembro de 2020.  
Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)

FONSECA, Franciele Fagundes et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. *Rev. paul. pediatr.* [online]. 2013, vol.31, n.2, pp.258-264. ISSN 0103-0582. <https://doi.org/10.1590/S0103-05822013000200019>.

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10644726/artigo-227-da-constituicao-federal-de-1988>  
Acesso em 12 de janeiro de 2020.

HUTZ, Claudio Simon. O que é Avaliação Psicológica Métodos, Técnicas e Testes.  
Disponível em: <https://statics-submarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/9928366.pdf>  
Acesso em: 02 de janeiro de 2020.

KOLLER e vários autores. **Adolescência e juventude**: conhecer para proteger. Casa do psicólogo, 2013.

MARANHÃO, Joyce Hilário; VIEIRA, Camilla Araújo Lopes. Brincar como linguagem da criança: contribuições contemporâneas. *Revista de Psicologia, Fortaleza*, v. 8, n. 2, p. 27-33, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/27970> Acesso em 02 de janeiro de 2020.

MARANHÃO, Joyce Hilário e vários autores. Violência, risco e proteção em estudantes da escola pública. *Fractal, Revista Psicologia* vol. n. 2, Rio de Janeiro May/Aug. 2014.  
Disponível em: <http://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5032/4882> Acesso em: 12 de dezembro de 2020.

Mendes, M. I. B. de S., & Melo, J. P. de. (2009). Notas sobre Corpo, Saúde e Ludicidade. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 12(4). <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2009.838>

NERLING, José Ricardo Maciel e NERLING, Maria Andreia Maciel. **O DIÁLOGO NA RELAÇÃO INTERCULTURAL: OUVIR E COMPREENDER O DIFERENTE PARA CRESCER EM DEMOCRACIA E LIBERDADE**. 2018. Acesso em: 02 de outubro de 2020. Disponível em: [JRM Nerling, MAM Nerling - publicacoeseventos.unijui.edu.br](http://jrmnerling.com.br/publicacoes/nerling-maria-andreia-maciel-o-dialogo-na-relacao-intercultural-ouvir-e-compreender-o-diferente-para-criar-uma-cultura-de-convivencia)

OAKLANDER, Violet. **Descobrimos crianças**. Summus Editorial, 15ª edição, São Paulo-SP, 1978. , Brasília-DF.

SANTOS, Michelle e vários autores. **Psicologia do desenvolvimento**: teorias e temas contemporâneos. Brasília-DF. Editora Liber livro, 2009.

SILVA, E. Perspectivas de futuro de adolescentes em situação de acolhimento institucional: uma visão histórico-cultural. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia (MAPSI), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2016.

